

HOMOSSEXUALIDADE HUMANA: ESTUDOS NA ÁREA DA BIOLOGIA E DA PSICOLOGIA

Homosexuality Human: Studies in the field of Biology and Psychology

Eliana NUNES

Faculdade de Jaguariúna - FAJ

Kátia Perez RAMOS

Faculdade de Jaguariúna – FAJ

Sociedade Brasileira de Assistência para Reabilitação Craniofacial (Sobrapar)

1. INTRODUÇÃO

As origens da orientação sexual humana, principalmente homossexual, colocam questões ainda não respondidas que apresentam genuíno interesse científico.

No Brasil, 9% dos brasileiros (sendo 14% dos homens e 5% das mulheres) declararam já haver se envolvido em relações homossexuais (Datafolha Instituto de Pesquisas, 1998). Segundo Trevisan (2002), em temas polêmicos como a sexualidade, pode-se esperar que os dados obtidos estatisticamente sejam bastante inferiores que a realidade. Contraposto a isso Jones (1996) afirma que 10% da população geral não só defenderia a manipulação genética caso esta pudesse evitar o nascimento de indivíduos homossexuais como aprovariam o aborto de futuros homossexuais caso houvesse um exame pré-natal que possibilitasse a identificação dessa característica. Tais informações refletem o modo paradoxal como à sociedade em geral lida com o tema.

O comportamento homossexual tem sido objeto de estudos variados, enfatizando questões de saúde, etiológicas, terapêuticas, sociais, políticas, culturais, religiosas e econômicas. Dentre estas, uma das discussões mais polêmicas e que acarretam grandes repercussões sociais são aquelas que abordam a etiologia do comportamento homossexual, ou mais especificamente, aquelas que se referem ao debate inato *versus* aprendido ou ainda, biológico x psico-cultural (Menezes, 2005). Entretanto, a restrição das explicações deste

traço a influências biológicas ou ambientais tem contribuído para obscurecer sua compreensão, visto que ignora a possibilidade de uma interação não-aditiva dos fatores envolvidos.

A homossexualidade é definida como a preferência sexual por indivíduos do mesmo sexo. Entretanto, este conceito é um tanto vago, já que o termo “preferência” pode conotar a tendência a escolher, optar, e acaba não incluindo os processos biológicos e psico-culturais que podem determinar esta “escolha”.

Muitas pessoas têm a idéia pré-concebida de que a humanidade toda é heterossexual e que uma minoria de indivíduos encontra-se "viciada" num comportamento homossexual. Assim, acreditam que a homossexualidade é, simplesmente, um comportamento anticonvencional que muitas pessoas escolhem externar. Outros indivíduos acreditam que a homossexualidade é uma das orientações sexuais normais, ou seja, o indivíduo simplesmente é (componente inato), não opta. (Tenson, 1989).

O primeiro grande estudo estatístico sobre a homossexualidade foi realizado pelo zoólogo e sexólogo americano Alfred Kinsey entre 1948 – 1953 e estabeleceu um marco no estudo do fenômeno com a então chamada Escala Kinsey. O método empregado pelo pesquisador descarta como premissa à exclusividade da preferência homossexual ou heterossexual e toma a orientação exclusiva para uma ou outra tendência como comportamento situado num dos extremos de uma “escala” gradativa de possibilidades, que leva em conta fantasias e quantidades de relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo e entre sexo oposto. Estas categorias são subdivididas em valores inteiros de zero a seis (o zero indica relações e fantasias exclusivamente heterossexuais, enquanto o seis indica exclusivamente homossexuais) indicando assim uma tentativa de classificação da orientação sexual humana. Na elaboração desta escala foram consideradas as experiências sexuais e as reações psicológicas dos indivíduos, em diferentes etapas de suas vidas.

Mesmo com eventuais erros estatísticos, alguns deles até admitidos por Kinsey (1948), a verdade é que nunca antes houve um estudo sobre sexualidade humana envolvendo 17.000 pessoas. É por isso que, até hoje, estes dados ainda são considerados como um dos maiores estudos mundiais de comportamento sexual humano.

Klein (1985) deu continuidade ao estudo de Kinsey (1948), e propôs a utilização de outro instrumento - a escala KSOG (Klein Sexual Orientation Grid) - que segue os mesmos princípios da escala de Kinsey, mas inclui sete outros aspectos: atração, comportamento e fantasias sexuais, preferência emocional e social, auto identificação e estilo de vida, estas características medidas em relação ao passado, presente e o ideal do indivíduo. Entretanto Klein (1985) afirma que as pesquisas que investigam a orientação sexual são tão limitadas quanto às posições teóricas que as referenciam.

Mas, como um resultado prático dos estudos de Kinsey, em 1971, a Associação Americana de Psiquiatria removeu a homossexualidade da lista de desordens mentais, recusando-se a continuar considerando os homossexuais como diferentes ou passíveis de correção. Em 1975 a Associação Americana de Psicologia já tinha situado a homossexualidade dentro das orientações sexuais e não entre os distúrbios e doenças psicológicas. O mesmo aconteceu com a Organização Mundial de Saúde (OMS), que também passou a não considerar a homossexualidade como uma doença, a partir de 1986.

Na área da Medicina e Psicologia no Brasil a homossexualidade foi tratada como patologia até muito recentemente. Apenas em 1985, o Conselho Federal de Medicina passou a não considerar a homossexualidade como doença, enquanto o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e outras entidades da área não se manifestaram a este respeito até mais recentemente. Somente em 1999 foi promulgada a resolução 001, que estabeleceu aos psicólogos normas de atuação em relação às orientações sexuais, especificando que a homossexualidade não era considerada doença, nem distúrbio e os psicólogos não poderiam trabalhar em propostas de tratamento e de cura da mesma (Lacerda, Pereira & Camino, 2002).

As referências ao comportamento homossexual remetem-se aos primórdios da humanidade, entretanto foi a Grécia Antiga, como local e período, que se tornou marco principal de discussões acadêmicas históricas acerca deste padrão (Bremmer, 1995). Contudo, a classificação das relações entre os gregos da antiguidade como homossexuais tem sido questionada (Bremmer, 1995 e LeVay, 1996). Isto porque uma série de características diferencia a conduta então observada daquilo que vem sendo chamado de comportamento homossexual na idade moderna (Menezes, 2005).

A ênfase naquela época não era a quem o indivíduo sentia-se atraído sexualmente (se homem ou mulher), como ocorre atualmente, mas à valorização da beleza e do autocontrole – refletido na escolha de locais e momentos apropriados à emissão de determinados padrões sexuais (Foucault, 1984/1994).

O termo utilizado naquela época era “pederastia”. A origem desta palavra é do grego *país* – menino – e *erastés* – amante – ou seja, significa o amor desenvolvido pelo adulto por um jovem (Wikipedia, 2007). A pederastia se caracterizava pelo intercuro sexual entre dois homens, dentro de uma relação de poder, onde o mais velho adquiria a função de tutor, educador, sendo necessariamente o ativo. Por ser uma relação hierárquica, era regida por normas rígidas, inclusive de conquista (Foucault, 1984/1994, Bremmer, 1995). Naquele contexto, era a pederastia que propiciava acesso ao mundo da elite social (Bremmer, 1995), ou seja, apenas aqueles rapazes que se envolviam sexualmente com homens mais velhos e importantes na sociedade é que obtinham ascensão social. Entretanto, segundo Foucault (1984/1994), ao tornarem-se ambos adultos, os homens deveriam adotar uma postura de *philia* – ou seja, relação de amizade afetuosa sem intercuro sexual. Práticas passivas realizadas por adultos, eram interpretadas como a perda do papel viril. Qualquer conduta efeminada era mal vista pela sociedade (Foucault, 1984/1994).

Este mesmo tipo de análise pode ser aplicado à origem do termo “lesbianismo”, uma referência à ilha de Lesbos – terra natal da poetisa clássica Safo. Lardonis (1995) afirma que a interpretação de sua obra como a primeira explicitamente homossexual fez com que a palavra “lésbica” se tornasse sinônimo de homossexual feminino. Contudo, segundo o autor, tais relações eram, também, de poder e iniciação, repletas de regras de conduta e significações hierárquicas.

Durante a Idade Média, especialmente em função das normas impostas pela Igreja Católica (Mott, 1988), o termo utilizado para se referir à cópula entre indivíduos do sexo masculino era a “sodomia”. A origem deste termo estaria relacionada à história de Sodoma e Gomorra relatada na bíblia, na qual a presença de homens que se ofereciam sexualmente a outros homens teria sido

um dos fatores que teriam levado à destruição divina destas cidades (Wikipedia, 2007).

Na cultura judaico-cristã, a homossexualidade é considerada um vício (Aquino, 1225-1274). A Sagrada Escritura não hesita em incluir os homossexuais entre os que não herdarão o Reino de Deus, o que foi de maneira geral, interpretado como comportamento pecaminoso e assim, em todo o Ocidente, passou a ser visto como socialmente inaceitável e mesmo sujeito a punições, conforme diz a citação:

“Não vos iludais! Nem os impudicos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os injuriosos herdarão o Reino de Deus” (1Cor 6,9-10).

No início do século XIX o termo “sexualidade” passa a ser utilizado, como resultado do avanço científico na área (Foucault, 1984/1994). Segundo Hekma (1995), com o crescimento das pesquisas no campo da sexualidade, começa-se a investigar a origem de determinadas condutas sexuais desviantes, sendo postulado que a homossexualidade (como muitas outras condutas) poderia se originar da masturbação e levar à insanidade. O autor destaca, ainda, que neste período a homossexualidade já possuía conotação de desvio, sendo descrito e caracterizado em detalhes.

Em 1869, o médico Karl Maria Kertbeny cunhou o termo “homossexual”, com o objetivo de legitimar biologicamente a ‘vocação’ homossexual e isentar de culpa os seus ‘vocacionados’ (Trevisan, 2002). A partir deste momento, segundo Trevisan (2002), a discussão acerca da homossexualidade passou do campo das normas morais para as investigações científicas, com o objetivo de possibilitar a intervenção e “curar” as vítimas da “anomalia”.

No começo do século XX, médicos defendiam a não punição do comportamento homossexual alegando que se tratava de uma anomalia, causada por problemas psíquicos, glandulares, ingestão de substâncias químicas e/ou outras questões social-situacionais. Assim, o processo de categorização da homossexualidade enquanto doença que se iniciara no século XIX, consolidara-se no princípio do século XX (Trevisan, 2002). Neste contexto, o critério de definição do homossexual masculino ia além da prática

sexual, referindo-se à inversão ou, mais especificamente, à efeminização do homem, a partir de trejeitos, vestimentas e outras características culturalmente estabelecidas como femininas.

Foi somente na década de 60, segundo Trevisan (2002), que a cultura assumiu seu papel na formação de indivíduos homossexuais. Um exemplo é a obra de Maria McIntosh (Feldman, 2003), segundo a qual a homossexualidade não se caracterizaria como uma condição biológica nem psicológica, mas como um papel social.

Assim tem-se, por exemplo, a postura de Freud sobre a homossexualidade como resultado da relação estabelecida com os pais e, portanto, passível de “cura” através da análise. Especialmente entre seus seguidores, nas décadas de 60 e 70, iniciou-se uma série de pesquisas e práticas de “conversão” de homossexuais em heterossexuais. (LeVay, 1996).

Em 1970, houve no Brasil um crescimento da medicina natural, sendo desenvolvidos manuais e técnicas para o tratamento e prevenção da homossexualidade masculino (que seria uma “patologia psíquica ou somática”, LeVay, 1996) através de dietas, massagens e outras terapias de influência oriental (como acupuntura, shiatsu e hata-yoga). Apesar de já existir desde o começo do século, só a partir da segunda metade do século XX que o termo “homossexualidade” começa a se tornar mais freqüente nas publicações, substituindo a palavra “homossexualismo”.

Em 1971, a Associação Psiquiátrica Americana (APA) retirou do Manual Diagnóstico e Estatístico o diagnóstico “homossexualismo”, de modo que este deixou de ser considerado uma patologia (Feldman, 2003). Outro símbolo da mudança de perspectiva nessa época foi o surgimento do termo “homofobia” em 1973, caracterizando condutas de medo e intolerância perante homossexuais (Mott, 1988).

Na década de 90, as hipóteses teóricas sobre o caráter aprendido da orientação sexual (na época denominada de construtivismo social) começam a perder espaço para pesquisas de cunho genético (Trevisan, 2002). Contudo, é neste contexto que Costa (1993/2004) defende o abandono dos termos “homossexual”, “heterossexual” e “bissexual” argumentando que tais diferenças de padrões comportamentais seriam, na realidade, um resultado da formulação destes termos, sendo que estes conteriam implícita uma noção de estabilidade,

como se não fosse possível um indivíduo transitar entre estas categorias. Assim, Costa (1993/2004) defende a retomada do termo “homoerotismo” (criado por Karsch-Haack em 1911), referindo-se a práticas isoladas e não a indivíduos. Nas últimas décadas do século XX, tornou-se popular o termo gay para designar homens e mulheres homossexuais.

No final do século XX e início do século XXI, houve uma tendência ao abandono de terminologias tradicionais e a adoção de novos termos, ou ainda a defesa do abandono de qualquer termo classificatório.

Pode-se perceber a complexidade do tema em questão. A própria definição de homossexual está muitas vezes relacionada a uma perspectiva etiológica específica, representando um determinado posicionamento acerca do assunto.

A polêmica no campo da sexualidade humana acerca das causas da homossexualidade tem se tornado cada vez mais acirrada frente ao papel do biológico e do psicológico, o que não é de se surpreender pelo fato deste assunto trazer a tona crenças de cunho religioso, moral e ético.

O entendimento em relação à herança de características físicas e psicológicas, e também a aquisição de tais características por influência do ambiente, são categorias de pensamento de nossa cultura. Expressões do nosso dia a dia, tais como: “tal pai, tal filho”, “dize-me com quem andas [...]”, “é de pequenino que se torce o pepino”, “quem puxa aos seus não degenera”, mostram que a idéia de classificar aspectos psicológicos dos indivíduos, ora como inatos, ora como adquiridos, faz parte da cultura popular. (Otta, 2003).

Na Psicologia o tema “natureza-criação” também continua atual; a dicotomia persiste. Em diferentes áreas recebe diferentes nomes, para se tentar explicar o que ainda permanece uma incógnita: a) nativismo vs. empirismo, nas áreas de sensação e percepção; b) maturação vs. aprendizagem, na psicologia do desenvolvimento; c) aprendizagem geral vs. aprendizagem preparada, nas áreas de aprendizagem e cognição; d) hereditariedade vs. ambiente como determinante da variação humana, na psicologia das diferenças individuais (Kimble, 1993).

Entretanto, entre nativistas e ambientalistas, existe um fator importante, o complexo entendimento do que é o comportamento e, por não ser fácil descrevê-lo nem medi-lo, ao se dizer que este comportamento é inato ou

aquele é adquirido, produz-se uma afirmação carregada de imprecisões e é enorme a probabilidade de se estar errado a respeito de componentes ou aspectos do comportamento em questão (Menezes, 2005).

Esta concepção é atual e vem sendo a cada dia reafirmado. Entretanto, ainda hoje existe uma forte resistência em admitir qualquer influencia genética por parte de algumas áreas psicológicas, sobre o comportamento, especialmente em humanos, em parte por maus entendimentos do que seja o controle genético. Mata-se a dicotomia e ela ressurge das cinzas, tal qual Fênix. As questões referentes à constante polêmica mostram a necessidade de aprimoramentos conceituais (Otta, 2003).

Assim, no campo da sexualidade humana, Dynes (1987) afirma que até a primeira metade do século XX muitas das pesquisas realizadas na área médico-biológica enfatizavam as diferenças anatômicas dos organismos de indivíduos homossexuais, procurando identificar padrões diagnósticos. Posteriormente, surgiram as pesquisas endocrinológicas que investigavam a influência dos hormônios na orientação sexual, contudo, estas foram rapidamente desacreditadas (Marmor, 1973). Mais recentemente, cresceu o número de estudos direcionados à manipulação genética e à comparação de incidência em pares de irmãos (LeVay, 1991; Harmer, 1993; Schüklenk, Stein, Kerin & Byne, 1997). Pode-se perceber na investigação de determinantes do comportamento homossexual que, por mais que a dicotomia inato *versus* aprendido pareça estar solucionada nos debates teóricos, ela ainda se faz presente em pesquisas atuais, especialmente no que se refere às metodologias utilizadas (Menezes, 2005). Entre as pesquisas psicológicas e sociais, são raras aquelas que procuram discutir a problemática dos determinantes do comportamento homossexual. A maior parte dos artigos na área refere-se ou à tentativas de modificação da orientação sexual (o que reflete uma concepção implícita de que o mesmo seria aprendido) ou a tentativas de enumerar aspectos ambientais que estariam relacionados com as etapas passadas pelo indivíduo até a adoção pública de uma “identidade homossexual” (pertencimento a um grupo social específico), sem discutir o papel determinante destes aspectos (Menezes, 2005).

Na tentativa de enumerar os aspectos ambientais sobre o comportamento homossexual tenta-se estabelecer também a explicação

evolutiva na área psicológica, de um fenômeno denominado Tipicidade de Gênero, no qual, o menino que desenvolve o gosto por brincadeiras de meninas tais como brincar de casinha, de bonecas, por exemplo, poderia apresentar características homossexuais marcantes desde a infância. (Werner, 1998).

Entretanto, é importante não cair no determinismo comportamental. Ou seja: toda pessoa que se desenvolve em determinadas condições vai ser necessariamente homossexual? Parece que aí não existe uma necessária relação de causa e efeito. Sob as mesmas condições humanas, as pessoas poderão desenvolver personalidades distintas, dependendo da sociedade que a rodeia, que a apóia ou recrimina. Isso torna complexo o estudo e a abordagem da homossexualidade, não nos permitindo uma postura simplista ou preconceituosa, haja vista sua constatação científica de causa biológica e sua comprovação e mensuração de causas psicológicas (Menezes, 2005).

Para o psicólogo francês Marc Oraison (1977), a pessoa homossexual, não força a situação, ao contrário, tanto como a pessoa heterossexual, suas fantasias sexuais dirigem-se de forma espontânea para um outro indivíduo do mesmo sexo.

Para Houzel (2005), o que se tem observado é que a pessoa com tendências homossexuais, ao aperceber-se nessa condição, sente-se diferente, o que não deveria acontecer, mesmo se apenas estivesse sendo influenciada por preconceitos culturais internalizados. Para a autora, as frustrações e os sofrimentos iniciais não nascem da rejeição cultural, mas da incompreensão daquilo que está acontecendo com a própria pessoa. Ela compreende-se como homem ou mulher, no nível do consciente, mas sente-se sexualmente atraída por um parceiro do mesmo sexo.

Segundo a OMS (2000), ainda que pesem sobre a escolha homossexual sérios condicionamentos preconceituosos, a sexualidade é o resultado da interação de fatores biológicos, psicológicos, socioeconômicos, culturais, éticos e religiosos ou espirituais, ou seja, ser homossexual não é opcional, todavia, manter relacionamentos homossexuais isto sim implica em escolha de vida e aceitação.

Houve um tempo em que a psiquiatria considerava a homossexualidade uma degeneração ao mesmo tempo em que a moral social dava-lhe a marca

de depravação. Mesmo a psicanálise, durante algum tempo, encarou o homossexualidade como uma perversão, um desvio do desenvolvimento sexual normal. A tendência atual prevalecente é pensar a homossexualidade como uma das manifestações possíveis da sexualidade, sem valorá-la para mais ou para menos.

A maioria das pesquisas no campo social e ambiental relacionadas a este tema envolve estudo de gêmeos, comparações transculturais, padrão de exclusividade sexual, modificação do comportamento. Entretanto, pode-se observar, no geral, que as pesquisas sobre efeitos ambientais na orientação sexual são ainda muito limitadas, mas podem apontar para o papel de determinados eventos e elementos não biológicos relevantes para o desenvolvimento sexual do ser humano. Para que fossem fundamentadas, seria necessário desenvolver uma série de pesquisas empíricas com amostras adequadas e métodos controlados de obtenção e tratamento das informações (Menezes, 2005).

Assim duas conclusões importantes, para a maioria dos autores dessa linha de pesquisa, foram: a) a impossibilidade de qualificar o comportamento como inato ou aprendido, na medida em que ele é sempre produto complexo das duas fontes de determinação; e b) a necessidade de orientar as pesquisas para a identificação do processo pelo qual, os fatores inatos e adquiridos se integram (Ades, 1986; Menezes, 2005).

Objetivos

Realizar um levantamento dos estudos na área da Biologia e da Psicologia sobre homossexualidade humana em quatro periódicos brasileiros, a saber: *Revista Brasileira de Medicina* Indexada em: EMBASE Excerpta Medica, Index Medicus Latino Americano (LILACS), La Prensa Medica Mundial, SIIC-DATASES, Ulrich's International Periodicals Directory Tropical Diseases Bulletin e Bibliografia Brasileira de Medicina, *Revista Brasileira de Sexualidade Humana da SBRAH - Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana/SP*, *Terapia Sexual – clínica, pesquisa e aspectos psicossociais do IPS - Instituto Paulista de Sexualidade e Cepsos - Centro de Estudos e Pesquisas do Comportamento e Sexualidade/SP*, e *Revista de Ciências*

Humanas da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Para fins de concisão esses periódicos foram abreviados, quando conveniente, respectivamente como RBSH, TS, RCH e RBM.

Esses periódicos são de circulação nacional, e as edições selecionadas para análise foram as de 2001 a 2006.

Três aspectos foram analisados nas pesquisas selecionadas nestes periódicos:

1. Número de artigos relacionados à área da orientação sexual humana no geral;
2. Número de artigos relacionados às categorias: a) Homossexualidade, b) Bissexualidade, e c) Transsexualidade.
3. Discussão sobre a origem da homossexualidade humana em relação a aspectos biológicos, genéticos, psicológicos e culturais.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

2.1. Material

Os critérios adotados para a escolha dos periódicos RBSH, TS, RCH e RBM foram: a) o fato de terem sido editados entre 2001 e 2006; b) ter circulação nacional; e c) serem editados por instituições de ensino ou pesquisa ou por sociedades científicas. Adicionalmente a escolha recaiu sobre aqueles periódicos que, na ocasião deste estudo, estavam indexados a algum banco de dados nacional ou internacional (por exemplo: base Lilacs mantida pela Bireme/Centro Latino-americano e do Caribe de informações em Ciências da Saúde) como indicativo de reconhecimento acadêmico.

Uma vez que os quatro periódicos examinados apresentam variação com relação aos seus critérios editoriais, definiu-se que somente seriam considerados para o presente trabalho os artigos definidos como: ensaios teóricos, estudos de revisão crítica de literatura e relatos de pesquisa. Foram excluídos, portanto, eventuais inserções de relatos de experiências

profissionais, resenhas, notas técnicas, entrevistas e notícias sobre orientação sexual, que os mesmos poderiam trazer em suas edições.

2.2. Procedimento

Este material foi selecionado em visitas nas bibliotecas dos cursos de Educação e Medicina da Unicamp (Universidade de Campinas) e nas fontes on-line onde se encontravam anexados. Em primeiro lugar, foram recolhidos todos os periódicos RBSH, TS, RCH e RBM que haviam sido editados entre 2001 e 2006. Então, foram analisados, para cada edição de cada periódico, os artigos referentes ao tema da orientação sexual. Assim, como resultado dos 939 artigos analisados, obteve-se 38 artigos que se referiam ao tema da orientação sexual, os quais foram focos deste estudo.

3. RESULTADOS

Foram analisados 939 artigos dos periódicos *RBM (682 artigos)*, *RBSH (90 artigos)*, *TS (94 artigos)* e *RCH (73 artigos)*, edições de 2001 a 2006, para a realização da seleção dos artigos científicos relacionados ao tema da orientação sexual. Assim, destes 939 artigos avaliados, somente 38 (4,5%) se referiam a artigos relacionados à orientação sexual.

Nos últimos anos é notória a mudança no que diz respeito ao modo como se tem lidado com os assuntos relacionados à orientação sexual. Desde que a Associação Americana de Psiquiatria retirou a homossexualidade dos diagnósticos de doenças mentais, tem crescido os estudos sobre o tema, embora a passos lentos, o que justifica o pequeno número de artigos encontrados nos últimos anos (Klein, 1993).

Esses 38 artigos referentes a estudos na área da orientação sexual foram então submetidos à análise sob três aspectos: 1. Número de artigos relacionados à área da sexualidade humana no geral; 2. Número de artigos relacionados às categorias: a) Homossexualidade, b) Bissexualidade, c) Orientação Sexual e d) Transexualidade; e, 3. Discussão sobre a origem da

homossexualidade humana em relação a aspectos biológicos, genéticos, psicológicos e culturais.

No geral, tem-se que 37% destes artigos referem-se à orientação sexual e sexualidade, 36% à homossexualidade, 24% ao transexualidade e 3% a bissexualidade.

A grande maioria dos artigos sobre orientação sexual publicados nas quatro revistas foco deste estudo são pesquisas de levantamento. Dentre elas tem-se 53% que avaliam o perfil de diversas amostras em relação à orientação sexual (estudantes, pacientes com problemas sexuais, comunidades de São Paulo, amostras do Congo e do Brasil no geral, etc); 10,5% estudam a representação social de homossexuais, bissexuais e transexuais; 10,5% realizam aplicação de escalas na área da orientação sexual com objetivo de validação do instrumento ou avaliação da sexualidade na amostra pesquisada; 7,8% são de análise de casos e, 5,2% estudam os fatores de predisposição para o comportamento homossexual e bissexual.

Somente 13% das 38 pesquisas criam hipóteses sobre as origens da homossexualidade (5,2%) ou estudam a questão inato e/ou aprendido na formação da sexualidade (7,8%).

A Tabela 1 apresenta os dados gerais da avaliação dos 38 artigos em relação a: a) número de artigos publicados por ano (entre 2001 e 2006) nos quatro periódicos selecionados referentes ao tema da orientação sexual, b) o percentual de artigos sobre os temas orientação sexual no geral, homossexualidade, bissexualidade e transsexualidade e, c) as discussões sobre a origem do comportamento sexual humano (fatores biológicos, comportamentais ou ambos).

Tabela 1. Percentual de artigos sobre orientação sexual por ano de publicação, em relação aos temas sobre orientação sexual e sua origem nos periódicos *RBM*, *RBSH*, *TS* e *RCH* entre 2001 e 2006.

TEMAS	PERIODICOS														
	ANO	2001		2002		2003		2004		2005		2006		TOTAL	
Nº de artigos por ano de publicação		F	F%	F	F%	F	F%	F	F%	F	F%	F	F%	F	F%
TS	4	20	3	15	0	0	6	30	3	15	4	20	20	100	
RBSH	0	0	3	37,5	0	0	3	37,5	2	25	0	0	8	100	
RBM	0	0	2	33,3	0	0	2	33,3	0	0	2	33,3	6	100	
RCH	0	0	0	0	4	100	0	0	0	0	0	0	4	100	

Tema central dos artigos	TEMAS	Sexualidade no geral		Bissexualidade		Homossexualidade		Transsexualidade		TOTAL	
		F	F%	F	F%	F	F%	F	F%	F	F%
Tema central dos artigos	TS	5	25	1	5	9	45	5	25	20	100
	RBSH	3	37,5	0	0	1	12,5	4	50	8	100
	RBM	3	50	0	0	3	50	0	0	6	100
	RCH	3	75	0	0	1	25	0	0	4	100
Origem da orientação sexual	ORIGEM	Somente Biológica		Somente Psicológica		Biológica e Psicológica		TOTAL			
		F	F%	F	F%	F	F%	F	F%	F	F%
Origem da orientação sexual	TS	3	15	12	60	5	25	20	100		
	RBSH	2	25	5	62,5	1	12,5	8	100		
	RBM	4	66,67	0	0	2	33,33	6	100		
	RCH	1	25	1	25	2	50	4	100		

Como pode ser observado na Tabela 1 a maioria dos artigos sobre orientação sexual foi publicado em 2004 pela Revista Terapia Sexual – TS (30%). Já a Revista Brasileira de Sexualidade Humana – RBSH teve sua maior produção sobre o tema nos anos de 2002 e 2004 (37,5% cada). A Revista Brasileira de Medicina – RBM tem poucos artigos desenvolvidos na área da orientação sexual, sendo 33,3% nos anos de 2002, 2004 e 2006. Finalmente a Revista de Ciências Humanas – RCH tem a menor produção de artigos nesse campo (quatro no total) sendo o ano de 2003 o único com artigos relacionados à orientação sexual. Tem-se ainda que a revista TS não publicou estudos nessa área no ano de 2003, e a RBSH não tem publicações relacionadas a orientação sexual nos anos de 2001, 2003 e 2006. Já o periódico RBM não possui estudos publicados nesta área nos anos de 2001, 2003 e 2005.

No que se refere ao foco principal dos estudos tem-se que na RCH o tema da sexualidade no geral é que mais aparece (75% das pesquisas). Na TS o foco principal dos estudos está no tema da homossexualidade (45%) e na RBSH o tema é o da transsexualidade (50%). Já na RBM têm-se os temas da sexualidade no geral e da homossexualidade com 50% de produção cada. É importante ressaltar ainda que o tema da bissexualidade não foi tratado nas revistas RBSH, RBM e RCH durante os anos de 2001 a 2006 e o tema da transsexualidade não foi abordado pelos periódicos RBM e RCH durante esse mesmo período.

Em relação à discussão da etiologia das orientações sexuais tem-se que o fator biológico é considerado como primordial nesta questão pela

maioria dos estudos da RBM (66,67%), provavelmente por ser uma revista da área das ciências médicas produzindo que o foco gire em torno dos aspectos biológicos. Já as revistas SBSH e TS possuem seu maior número de artigos com foco nos fatores psicológicos para a origem das orientações sexuais (62,5% e 60% respectivamente). Neste caso são revistas da área psicológica e acabam focando os aspectos psicológicos como fatores de maior responsabilidade na orientação sexual humana. Finalmente a RCH tem a maioria de seus artigos com uma discussão mais ampla que envolve os aspectos biológicos e psicológicos como partes integrantes e de igual importância na etiologia das orientações sexuais (50%).

Verificou-se ainda que no total dos artigos 48% dos estudos enfocam o aspecto Psicológico e Comportamental na explicação da orientação sexual humana, 26% enfocam os fatores Genético e Biológico e 26% discutem que ambos os aspectos devem ser levados em consideração na explicação do tema.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos resultados pode-se concluir que mesmo as revistas especializadas em sexualidade humana estão no início das discussões relativas às particularidades das orientações sexuais, incluindo a homossexualidade.

Portanto para que se possa obter um ponto de vista mais preciso e coerente sobre esta temática é necessário, assim, realizar novas pesquisas (investigando tanto variáveis já estudadas quanto inéditas). Segundo Menezes (2005) esses estudos deveriam ter como preceitos básicos: (1) a isenção política e a postura ética, desde a metodologia até a análise dos resultados; e (2) a integração de diferentes saberes para a formulação adequada do problema de pesquisa e para o decorrente desenvolvimento da mesma, analisando os resultados obtidos a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

Principalmente quando a discussão gira em torno dos determinantes da orientação sexual a dificuldade dos pesquisadores está na procura de elementos que atuem diretamente sobre este aspecto do comportamento sexual humano. Hailman (1969) já defendia que os processos inatos não precisavam ser precisamente estruturados, já que se os mecanismos de aprendizagem aos quais os membros da espécie fossem expostos fossem similares, a probabilidade maior seria que houvesse o desenvolvimento de padrões similares dentro a mesma espécie. Segundo Menezes (2005) esta idéia também se encontra nas propostas de Bem (1996) e Van Wyk e Geist (1984), segundo os quais o que seria previamente determinado, quanto à orientação sexual, seria a atração pelo diferente, pelo exótico. Considerando que a probabilidade de um indivíduo sentir-se diferente de alguém do sexo oposto é superior a de alguém do mesmo sexo – especialmente em sociedades estruturadas de acordo com o sexo – haveria, assim, a predominância da orientação heterossexual.

Pode-se considerar, portanto, que não há uma resposta para a explicação da origem do comportamento homossexual. Dentre as múltiplas respostas válidas que podem vir a ser encontradas estão três fatores do funcionamento sexual humano que podem ser abstraídos dos estudos aqui apresentados: 1) A exclusividade do padrão sexual parece ser um produto sócio-cultural que restringiria as múltiplas formas às quais o corpo humano seria passível de estimulação; 2) Fatores genéticos e biológicos podem afetar o desenvolvimento individual, influenciando as relações sociais e todo o processo de constituição do repertório sexual; 3) Por mais que as experiências iniciais tenham repercussão relevante na vida sexual futura, estas se constituem apenas como um elo de uma cadeia complexa que envolve fatores sociais e biológicos de forma indissociada.

Pode-se então concluir, que ainda não existem estudos científicos suficientes para se determinar a origem da homossexualidade humana, até porque os estudos sobre o tema (que não o reconhecem como patologia) vêm crescendo e tomando espaço no cenário científico há pouco mais de 30 anos.

Assim, é clara a importância de pesquisas sérias e éticas nesta área já que várias tentativas foram feitas no sentido de "explicar" a homossexualidade no sentido de "curá-la" produzindo preconceitos e restrições impiedosas a

peças homossexuais, e que deveriam ser considerados como atentatórios à natureza humana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADES, C. Entre Eidilos e Xenidris: experiência e pré-programas no comportamento humano. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA – 6ª Região/Sindicato de Psicólogos no Estado de São Paulo (Orgs.). *Psicologia no ensino de 2º grau: uma proposta emancipadora*. São Paulo: Edicon, 1986, p. 60-73.

AQUINO, S. Tomas de, Suma Teológica 1ª -2ª, questão 71, artigo 1.

BEM, D. J. Exotic becomes erotic: A developmental theory of sexual orientation. *Psychological Review*, 103 (2), 320-335, 1996.

BREMMER, J. Pederastia grega e homossexualismo moderno. Em J. Bremmer (Org), *De Safo a Sade: Momentos da história da sexualidade*. (p. 11-26) São Paulo: Papyrus, 1995.

COSTA, J. F. Homoerotismo: a palavra e a coisa. Obtido em 10 de dezembro de 2007 do World Wide Web: <http://www.jfreirecosta.com>. Publicado originalmente no *Jornal do Comércio*, no dia 04 de junho de 1993, 2004.

DATAFOLHA INSTITUTO DE PESQUISAS. *A sexualidade dos brasileiros*. Obtido em 11 de janeiro de 2008 do World Wide Web: http://www1.folha.uol.com.br/fofha/datafolha/po/dossie_sexualidade_18011998a.shtml, 1998.

DYNES, W. R. *Homosexuality: A research guide*. Nova Iorque: Garland Publishing, 1987.

FELDMAN, D. Puesta a punto bibliográfica sobre la relación de los conceptos parafilias y abuso sexual infantil. Trabalho defendido no curso de Licenciatura em Psicologia da Universidade de Belgrano, 2003.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal. Publicado originalmente em 1984, 1984.

HAILMAN, J. P. How an instinct is learned. *Scientific American*, 21 (6), 91-108, 1969.

HEKMA, G. Uma história da sexologia: Aspectos sociais e históricos da sexualidade. Em J. Bremmer (Org), *De Safo a Sade: Momentos da história da sexualidade*. (p. 237-264) São Paulo: Papyrus, 1995.

HAMER, D. H., HU, S., MAGNUSON, V. L., HU, N. & PATTATUCCI, A. M. L. (1993). A linkage between DNA markers on the X chromosome and male sexual orientation. *Science*, 261, 321-327, 1993.

HOUZEL, S.H. *O cérebro em transformação* - Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

JONES, S. *Deus, genes e o destino – Na massa do sangue*. Portugal: Publicações Europa-América, 1996.

KLEIN, F.; SEPEKOFF, B.; WOLF, T. J. *Sexual Orientation: A Multi-Variable Dynamic Process*. The Horworth Press: New York, 1985. p 35-49.

KLEIN, F. (1993). *The bisexual option*. New York: Haworth Press.

KIMBLE, G. A. Evolution of the nature-nurture issue in the history of Psychology. In: PLOMIN, R. e McCLEARN, G. E. (Editors). *Nature nurture and Psychology*. Washington, DC: American Psychological Association, 1993.

- KINSEY, A. C.; POMEROY, W. B.; MARTIN, C. E. Sexual Behavior in the Human Male. Philadelphia: W.B. Saunders, 1948.
- LACERDA, M., PEREIRA, C., & CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 165-178, 2002.
- LARDANOIS, A. Safo lésbica e Safo de Lesbos. Em J. Bremmer (Org), *De Safo a Sade: Momentos da história da sexualidade*. (p. 27-50). São Paulo: Papyrus, 1995.
- LEVAY S, A diferença estrutural hipotalâmica entre o homem heterossexual e homossexual, *Science* 253:1034-7, 1991.
- LEVAY, S. *Queer science: The use and abuse of research into homosexuality*. Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology Press., 1996.
- MARMOR, J. (Org). *A inversão sexual – As múltiplas raízes da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- MENEZES, Aline Beckmann (2005). *Análise da investigação dos determinantes do comportamento homossexual humano*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará. Belém – PA. 339 pp, 2005.
- MOTT, L. *O sexo proibido – Virgens, gays e escravos nas garras da inquisição*. São Paulo: Papyrus, 1988.
- ORAISON, Marc. *Questão Homossexual, ed.nova fronteira*. 1977
- Organización Panamericana de la Salud (OPS) e Organización Mundial de la Salud (OMS) y Asociación mundial de Sexología (WAS). *Promoción de la salud sexual: recomendación para la acción (atas de una reunión de consulta)*, Antigua: Edición OPS/OMS, 2000.
- OTTA, Emma, RIBEIRO, Fernando Leite, BUSSAB, Vera Sílvia Raad - Inato versus adquirido: a persistência da dicotomia. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n.34, p.283-311, outubro de 2003.
- SCHUKLENK, U., STEIN, E., KERIN, J. & BYNE, W. The ethics of genetic research on sexual orientation. *Hasting Center Report*, 27 (4), 6-13, 1997.
- TESON, Nestor Eduardo. *Fenomenologia da homossexualidade masculina*. São Paulo: EDICON, 1989.
- TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record.
Publicado originalmente em 1986, 2002.
- VAN WYK, P. H. & GEIST, C. S. (1984). Psychosocial development of heterosexual, bisexual, and homosexual behavior. *Archives of Sexual Behavior*, 13 (6), 505-544, 1984.
- WERNER, D. Variação cultural na homossexualidade masculina. Em: D. Werner. *Sexo, símbolo e solidariedade: Ensaios de Psicologia Evolucionista*. (p. 35-50). Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

Eliana Nunes

Graduada em Administração de Empresas e pós-graduada em Contabilidade, Auditoria e Controladoria pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – (PUC Campinas); Estudante do 6º semestre do curso de Psicologia da Faculdade Jaguariúna – (FAJ) e pesquisadora participante do Projeto de Iniciação Científica (PIC) da Faculdade de Jaguariúna (FAJ).

Rua Jorge Antonio Cury, 373 Colinas do Castelo Jaguariúna – SP Cep:13820-000

enunes_2000@hotmail.com

Kátia Perez Ramos

Mestre e doutoranda pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – (PUC Campinas); pesquisadora na área de Análise Experimental e Aplicada do Comportamento pela Sociedade Brasileira de Pesquisa e Assistência a Reabilitação Craniofacial (Sobrapar) e docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Jaguariúna (FAJ).

katiapramos@hotmail.com